

“AQUELE ADEUS, NÃO PUDE DAR”: LUTO E SOFRIMENTO EM TEMPOS DE COVID-19

Eliany Nazaré Oliveira¹

Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto²

Roberta Magda Martins Moreira¹

Gleisson Ferrera Lima¹

Francisco Diogenes dos Santos³

Magda Almeida Freire¹

Lorena Saraiva Viana¹

Marcos Pires Campos¹

<https://orcid.org/0000-0002-6408-7243>

<https://orcid.org/0000-0002-7905-9990>

<https://orcid.org/0000-0002-8225-7576>

<https://orcid.org/0000-0002-5465-2675>

<https://orcid.org/0000-0002-0849-5525>

<https://orcid.org/0000-0002-0145-4982>

<https://orcid.org/0000-0003-1496-5164>

<https://orcid.org/0000-0002-9656-9140>

Objetivo: Refletir sobre o ritual do luto e o culto ao morto durante o funeral no contexto da pandemia da COVID-19. **Método:** Trata-se de estudo de reflexão sobre o processo de luto no contexto da pandemia de COVID-19. **Resultados:** A pandemia da COVID-19 afetou diretamente o processo de luto, a cultura e os rituais envolvidos nos funerais, limitando ou impedindo a despedida e os rituais comumente adotados, os quais podem ocasionar sentimentos negativos e potencializar a dor e o sofrimento durante a pandemia, interferindo na saúde mental dos sujeitos enlutados. **Conclusão:** Destaca-se a importância de estratégias de cuidado com as famílias enlutadas, conforme a necessidade singular de cada um, sobretudo, quanto às demandas psicológicas. **Descritores:** Luto; Saúde Mental; Pandemia; Infecções por Coronavírus; COVID-19.

“THAT GOODBYE, CAN'T GIVE”: MURDER AND SUFFERING IN COVID-19 TIMES

Objective: Reflect on the ritual of mourning and cult of dead during funeral in the context of COVID-19 pandemic. **Method:** This is a study of reflection on the grieving process in the context of COVID-19 pandemic. **Results:** The COVID-19 pandemic directly affected the grieving process, culture and rituals involved in funerals, limiting or preventing farewell and commonly adopted rituals, which can cause negative feelings and potentiate pain and suffering during pandemic, interfering in mental health of the bereaved subjects. **Conclusion:** The importance of care strategies with bereaved families is highlighted, according to unique need of each one, especially regarding psychological demands.

Descriptors: Mourning; Mental health; Pandemic; Coronavirus infections; COVID-19.

“ESE ADIÓS, NO DA”: LUCHA Y SUFRIMIENTO EN LOS VECES DE COVID-19

Objetivo: Reflexionar sobre el ritual del duelo y culto a los muertos durante el funeral en contexto de la pandemia de COVID-19. **Método:** Estudio de reflexión sobre el proceso de duelo en contexto de la pandemia de COVID-19. **Resultados:** La pandemia de COVID-19 afectó directamente el proceso de duelo, la cultura y los rituales involucrados en los funerales, limitando o previniendo los rituales de despedida y adoptados comúnmente, que pueden causar sentimientos negativos y potenciar el dolor y el sufrimiento durante pandemia, que interfiere en la salud mental de los sujetos desconsolados. **Conclusión:** Se destaca la importancia de estrategias de atención con las familias desconsoladas, de acuerdo con la necesidad singular de cada uno, especialmente en lo que respecta a las demandas psicológicas.

Descritores: Duelo; Salud mental; Pandemia; Infecciones por coronavirus; COVID-19.

¹Grupo de Estudo e Pesquisa Saúde Mental e Cuidado da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, CE.

²Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, CE.

³Universidade Federal do Ceará (UFC), Sobral, CE.

Autor Correspondente: Eliany Nazaré Oliveira Email: eliany@gmail.com

Recebido: 20/7/20 Aceito: 02/8/20

INTRODUÇÃO

A população mundial, ao tomar conhecimento de casos de um novo coronavírus (COVID-19), que em sua forma mais grave poderia levar à morte, estabeleceu um sistema de medo coletivo, de modo cosmopolita e transcultural, por conta da possibilidade de adoecer e morrer ou ter perdas familiares. A iminência da morte e do morrer fez com que padrões culturais secularmente instituídos (no cotidiano da vida em família e em sociedade) passassem por mudanças, inclusive paradigmáticas.

A magnitude e a amplitude epidêmica da COVID-19 e a elevada mortalidade, motivou a "proliferação de angústia e de incertezas em torno da pandemia que nos atravessa e atinge como humanidade. Estamos cercados e imersos em mortes em escala local, regional, nacional e global. Vivenciamos e buscamos produzir significados para essa ameaça silenciosa, indeterminada e generalizada, que incita medos"¹.

Apesar de toda uma modificação social demandada pela pandemia, com a adoção de medidas não farmacológicas, a exemplo do isolamento e distanciamento social, a COVID-19 está ceifando vidas, destruindo sonhos e mutilando sentimentos, famílias e redes de amizades. Tanto que, ao final de junho de 2020 o mundo contabilizava 504.345 vidas perdidas por conta da COVID-19. Quanto ao total de óbitos, o Brasil ocupa a incômoda segunda posição (58.385 mortes)², atrás apenas dos Estados Unidos da América (EUA).

Além das inúmeras mortes em um curto espaço de tempo, as dificuldades para realização de rituais de despedida daqueles em situações como a iminência da morte, bem como da realização de rituais funerários, dificultam a vivência e construção do luto no cenário da COVID-19. Os processos de terminalidade, morte e luto no contexto da pandemia e os rituais que favorecem a despedida, estão sendo experienciados de forma singular, por conta da rigidez sanitária de se evitar a transmissão comunitária, o que tem gerado afetação nos envolvidos, inclusive relacionada à saúde mental³.

Compreendemos que as pessoas que vivenciam o luto, necessitam de alternativas de suporte, que podem ser desenvolvidas por meio de espaços sociais que possibilitem a expressão de sentimentos e a troca de experiências relacionados ao processo de perda, na tentativa de processá-lo simbolicamente, para enfrentá-lo e assim, retomar a vida cotidiana com êxito⁴. É fato de que a "morte é concebida como parte de um processo, mas de um processo lógico, um espaço acessível ao ser humano"⁵, que deixa marcas consoantes a um determinado momento ou por toda a vida dos que ficam.

Durante a vivência de um luto, as dores e o sofrimento são intensos, expressos quase sempre por sentimentos como tristeza, medo, culpa, ansiedade, solidão e saudade. Tais

sentimentos podem se manifestar de diversas formas e em tempos diferentes para cada sujeito enlutado, uma vez que o luto é um processo dinâmico, particular e multidimensional, o qual pode causar impacto direto nas relações consigo mesmo, com a sociedade e o mundo. Lidar com o luto, significa proporcionar o enfrentamento de sentimentos evocados pela perda e a nova realidade que se impõe, além de estratégias de evitar a dor, voltando-se para a retomada da vida⁴.

Logo, questiona-se: Como compreender os processos de terminalidade, morte e luto na pandemia do novo coronavírus? Diante de tal questionamento, este artigo objetiva refletir sobre o ritual do luto e o culto ao morto durante o funeral no contexto da pandemia da COVID-19.

O rito do luto e seus aspectos culturais

Cada sociedade possui seus métodos e particularidades culturais para manifestações da perda de um ente querido. Estratégias podem ser mais ou menos padronizadas, mas, demandam quase sempre de um conjunto de conhecimentos, rituais, crenças espirituais e etiquetas. Em geral, existem ritos, normas e formas de expressão do luto que são derivados de diferentes concepções da vida e da morte. A realização dos rituais que a cultura comunitária estabelece faz parte do processo de recuperação dos sobreviventes. Todos os povos ritualizam seus mortos e apresentam maneira similar de reação diante da perda de um ente querido. Existem registros arqueológicos sobre práticas e comportamentos em rituais fúnebres desde a Pré-História, constatando a preocupação com relação à finitude⁶.

Em qualquer situação, cultura histórica socialmente construída, grupo social ou sociedade, segue ocorrendo, um potente ritual de culto ao morto. O não cumprimento das prescrições de cada cultura pode ocasionar situações não desejadas e prejudiciais ao equilíbrio do grupo, sobretudo relacionados aos aspectos psicoemocionais. Em geral os rituais de morte oferecem uma pausa e um tempo de acomodação em face de um acontecimento traumático, tanto para a sociedade, quanto para o sujeito em sua individualidade. A morte e a tomada de consciência, em relação a esse acontecimento, ocorrem lentamente⁷.

Em certas sociedades e culturas, os rituais relacionados à morte se encontram difundidos por meio de uma série de cerimônias, que podem se prolongar por meses ou anos, com a elaboração de rituais lutosos, tais como, o sujeito enlutado permanecer isolado usando roupas especiais, às vezes sem tomar banho, chegando a se autoflagelar ou a raspar a cabeça. Os rituais podem ser compreendidos de formas diferentes, pois para quem os pratica, o importante são os significados que possuem. Nessa perspectiva, conseguem significar a

morte ou a causa desta, o morto, as relações entre os sujeitos de luto e destes com os outros, o significado da vida, além de outros valores sociais⁸. Pode-se considerar também que, estes incluem a demarcação de um estado de enlutamento e de reconhecimento da importância da perda e daquele ente que foi perdido⁶.

Historicamente, a cultura local instituída tem influenciado nos ritos do luto, nas maneiras de se conceber a morte e vencer a perda. Os rituais fúnebres variam muito de cultura, religião, região geográfica e época histórica. Apesar das dores sentimentais e espirituais da perda e da saudade, a cultura do funeral, estabelece uma espécie de culto ao morto, ao mesmo tempo em que seus entes recebem afetos e são amparados em suas necessidades, demarcadas pela perda inesperada, nem sempre compreendida e aceita. Tal cultura tem sido repassada por gerações e instituições milenares como as religiosas.

Os cristãos possuem a tradição de homenagear seus mortos com a decoração dos túmulos com flores, queima de velas e orações, alguns vestem preto por um determinado tempo, a fim de demonstrar o seu luto, e o enlutamento é lembrado durante o dia de Finados, data que é dedicada a orações e homenagens a quem já partiu. No México, os dois primeiros dias do mês de novembro são especiais, pois de acordo com a crença local, nessas datas, os mortos têm a permissão divina para voltar e visitar parentes e amigos vivos. Assim, para receber seus entes queridos, as pessoas arrumam e enfeitam as casas com flores, velas e incensos, cozinham as comidas prediletas dos que partiram, colocam máscaras de caveira, usam roupas pintadas de esqueleto ou fantasias que lembrem a morte⁹.

Entre os muçulmanos, o momento do luto deve manter a voz de lamentação, mas ser vivenciado com equilíbrio e discrição. O enlutado deve receber os pêsames de familiares e amigos de forma serena e rogar a Deus para que o conforte. O funeral deve ser breve, em respeito ao morto. Na China, as tradições de luto e enterro são diferentes e se adequam as idades dos falecidos, a causa da morte, o *status* de relacionamento e o nível social de quem faleceu. Os rituais também são diferentes para cada região do país. Na tradição judaica, rasgar a roupa de quem está de luto, é um sinal tradicional de luto, tornando-se uma forma de descarregar a dor e a angústia com a perda do familiar ou amigo que partiu⁹.

Os rituais em situação de terminalidade, morte e luto apresentam diferenças na cultura do funeral, quase sempre influenciadas pela crença ou religião. Uma característica passa a ser uno, que é o respeito e o culto ao morto e as dores sentimentais e espirituais da família.

A impossibilidade dos rituais em tempos de pandemia

As diversas "intervenções comportamentais e sociais adotadas para conter o surto da doença de coronavírus (COVID-19) estão afetando fortemente a maneira como as pessoas morrem em muitos países"¹⁰, como na Itália, Espanha, EUA e até mesmo no Brasil. No Equador, o número de óbitos superou a capacidade instalada dos serviços funerários, levando as famílias a abandonarem os corpos de seus entes nas ruas.

O enlutamento é uma experiência que pode envolver sofrimento, o qual não se "controla" com tarefas ou passos prescritos, que determinam previamente o modo como se atravessar essa experiência. Portanto, o luto não pode ser compreendido como algo que se supera, tal como apontado pelos próprios enlutados, em diversas pesquisas fenomenológicas nacionais e internacionais; mas deve ser incorporado ao existir, com novas possibilidades de significações¹¹. Nesse interim, os rituais fúnebres podem ser considerados a demarcação de um estado de enlutamento e de reconhecimento da importância da perda daquele que partiu⁶.

No entanto, em tempos de pandemia, os funerais estão restritos, mesmo para aqueles que morreram por "causas naturais", e se o diagnóstico da pessoa falecida for de COVID-19, as famílias não têm direito de realizar os ritos de despedida; pois aumentam o risco de infecção, uma vez que as vítimas de COVID-19 são identificadas como "agente biológico classe de risco 3", em uma escala de quatro níveis¹².

Por conta do risco biológico e a emergência proporcionada pela COVID-19, o Ministério da Saúde adotou medidas para o manuseio dos corpos *post-mortem*, com o intuito de se evitar a contaminação dos trabalhadores da saúde, familiares, comunidade e agentes funerários. Apesar da busca de se manter a eticidade e o respeito, de certo modo as medidas alteraram a subjetividade e a cultura do rito funeral e do luto, proporcionando ainda mais tristeza, dor e desolação.

Ademais, o Manual de Orientação sobre o Manejo de Corpos no Contexto da COVID-19 alerta para a aglomeração de pessoas em ambientes fechados em velórios e funerais, o que também potencializa o risco de transmissão entre familiares e amigos, em períodos que se busca o isolamento social e a quarentena. Portanto, essa restrição ocorre pelo risco biológico do sujeito morto em decorrência da COVID-19, bem como, pela aglomeração, que torna o funeral, um espaço de transmissão comunitária do vírus. O Ministério da Saúde ainda recomenda que durante todo o velório e funeral, deve-se manter a urna funerária fechada, evitando qualquer contato (a exemplo de toques ou beijos) com o corpo do falecido em qualquer momento *post-mortem*¹².

A situação imposta pelas "perdas associadas ao COVID-19

podem ser complicadas pelo distanciamento físico e pelas restrições para viajar, impostos para o manejo da pandemia. Rituais como velórios, enterros, missas e cultos e o contato físico com pessoas queridas, importantes para lidar com a morte, serão inviáveis nesse período¹³.

Vale citar Michel Foucault, que em seus estudos arqueológicos e genealógicos aponta mudanças históricas ocorridas nas formas de significação da morte na instituição hospitalar, a partir da transformação nos modos de entendimento de saúde, corpo, vida e morte, com o advento da modernidade e da afirmação da ciência como produtora de verdades. Essa grande tensão, sem dúvida, articula-se com as maneiras pelas quais construímos como sociedade, conceitos como doença, corpo, vida, cura, dor e morte¹⁵.

Com a pandemia da COVID-19, a cultura foi alterada e a ciência teve que se impor diante da situação do acúmulo de óbitos e da possibilidade de risco de contágio comunitário nos funerais. Com isso, "a morte como processo social foi interrompida para os que morrem no hospital e para os que morrem em casa"¹⁰.

No entanto, a limitação em cumprir os rituais historicamente adotados na cultura brasileira, como a impossibilidade da despedida, ausência do velório e o caixão lacrado podem ocasionar sentimentos negativos e complicações no processo de luto, os quais também interferem diretamente na saúde mental dos enlutados.

Nesse contexto, destaca-se a particularidade na vivência do luto durante a pandemia da COVID-19, pois além do número crescente de sujeitos contaminados há um índice elevado de óbitos, contribuindo para múltiplos casos de infecção e mortes dentro do mesmo *cluster* familiar, dispondo como resultado, lutos sequenciais, que são vivenciados de uma maneira distinta do que é culturalmente aceito. A vivência do luto durante a pandemia da COVID-19 dá-se de modo diferente, pois rituais culturais, como o velório, não são realizados ou são modificados para atenderem à nova situação¹³.

Tal situação "para as famílias, a escassez de contato com os entes queridos, juntamente com a ausência de rituais após a morte, dificultam muito o processo de luto. Este cenário não é novo. Visitar pessoas doentes e assistir a funerais e vigílias também foi proibido durante a pandemia de influenza de 1918"¹⁰. No atual contexto da COVID-19 "nossa capacidade de reagir a uma pandemia também será testada pela maneira como somos capazes de manter a dimensão social da morte e do morrer"¹⁰.

Não participar dos rituais, praticá-los de forma breve e dissimulada ou ocultá-los pode deixar os sujeitos à deriva no que diz respeito ao modo de como a morte ocorre, o que ou quem

era o falecido e qual o modo de se relacionar com os outros⁸, além de demorar no processamento dos sentimentos de perda. Com isso, "é possível que a vivência do luto em isolamento social aumente o número de lutos complicados, que tem um curso diferente do luto normal. Para a maioria das pessoas, o luto é um processo difícil, mas natural, que ocorre após a perda de uma pessoa importante. Requer adaptação a uma nova condição, mas a maioria das pessoas consegue seguir em frente com sua vida após o período de alguns meses"¹³.

No entanto, destaca-se a necessidade das despedidas, pois a sensação de vazio descrita nos processos de luto, assim como a sintomatologia conhecida sobre o tema, ganha ainda mais intensidade no contexto do isolamento social e inviabilidade de despedida, a qual é uma etapa essencial para esse processo, na medida em que promove o contato com a realidade da perda e favorece a sua assimilação e elaboração. Ao mesmo tempo em que, permite o sofrimento e o desamparo¹³.

Ressalta-se que o processo de luto é particular e individual e a forma como será conduzido e vivenciado varia de acordo com cada um. A perda deve ser devidamente elaborada para que não assuma um caráter patológico, como no caso do luto crônico, que tem uma duração excessiva e nunca chega a um desfecho ou superação satisfatória. É importante vivenciar o processo em todas as suas fases, para que o enlutado possa elaborar a perda e ressignificar sua vida¹⁵.

Para tal, é fundamental que as pessoas enlutadas realizem quatro etapas básicas, antes que o processo de luto possa ser completado, que são: 1) aceitar a realidade da perda; 2) elaborar a dor da perda; 3) ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu; e 4) reposicionar, em termos emocionais, a pessoa que faleceu e continuar a vida¹⁶.

Então, o que dizer e refletir das mortes causadas pela pandemia do novo coronavírus, se suas famílias não conseguiram vivenciar adequadamente o processo saúde-doença-cuidado-morte?

Estratégias de cuidado às famílias enlutadas

O cenário político-econômico brasileiro se mostra nocivo para o enfretamento da pandemia do novo coronavírus. Enfrentar a perda de um ente querido nunca foi fácil e em tempos de pandemia parece existir uma dor coletiva, um sofrimento vivenciado por todos, com grau e características diferentes.

A dor, a angústia e o luto estão vinculados a uma experiência de elevados níveis de investimento, em relação ao corpo e/ou ao objeto perdido. Existe um consenso que a dor da perda é sempre grande, mas em tempos de coronavírus se agiganta e pode tomar proporções inimagináveis¹⁷.

Mesmo quando o luto segue seu processo natural, não significa que não exista sofrimento, dor e necessidade de adaptação à nova estrutura familiar. Em geral o processo de luto não começa com a morte e sim, com as relações existentes antes da morte. As dores do luto muitas vezes se confundem com as dores físicas e todas elas podem interagir gerando o sofrimento psíquico¹⁸⁻¹⁹.

O impacto emocional que a pandemia tem provocado no mundo é preocupante. Logo, é necessário o desenvolvimento de estratégias direcionadas à saúde mental e as formas como lidar com os transtornos que o vírus está causando, uma vez que se vivencia um momento atípico provocado pela pandemia da COVID-19, gerando sentimentos como medo, angústia, impotência e incerteza.

O luto no contexto da pandemia da COVID-19 envolve ainda os novos relacionamentos referentes ao isolamento social, a culpa da infecção e a incapacidade de realizar os funerais, interrompendo as experiências comuns de luto. As consequências físicas, mentais e sociais causadas pelo distanciamento social podem fomentar o luto complicado e a depressão pós-perda. Por isso, são necessárias modificações nas abordagens para apoiar o luto²⁰.

Estudo¹⁸ aponta que o luto, o sofrimento e a tristeza não são doenças. Todavia, todo luto precisa ser cuidadosamente analisado, e os enlutados necessitam de atenção. Oferecer cuidado ao enlutado auxilia no processo de elaboração das famílias, no resgate do prazer e continuidade da vida dos sobreviventes.

O trabalho junto a um grupo de sujeitos enlutados é ainda pouco realizado ou divulgado no Brasil. As atividades grupais com esta população pode ser uma alternativa viável e que traz resultados positivos e inspiradores. O sofrimento causado pela partida do outro pode ser o início de um amadurecimento emocional e o trabalho psicológico vem para auxiliar na construção desta nova realidade²¹.

Neste contexto, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) em parceria com o Ministério da Saúde lançaram um cartilha sobre "Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19"²², propondo estratégias de cuidado às famílias enlutadas, que podem ajudar no processo com algumas orientações. Destacamos as seguintes:

- A) Estratégias de apoio emocional no enlutamento em tempos de pandemia: ofertar estratégias remotas de despedida. Uma boa conduta é estimular aos familiares e amigos a expressarem seu luto com o uso de tecnologias para a despedida, como ligações por vídeo ou mensagens de voz, além das cartas, e-mails e mensagens de despedida ao ente querido;
- B) Caso o funeral seja adiado ou realizado em um pe-

ríodo muito curto, a orientação é que seja reservado um tempo para criação de um memorial na própria casa. A sugestão seria reservar um tempo olhando as fotografias daquele que partiu, acender uma vela, escrever uma mensagem e seguir um ritual cultural ou espiritual;

C) Construir um livro de visitas online, para amigos e familiares assinarem e oferecerem suas condolências. Em geral, os familiares ou os mais próximos de quem morreu, costumam encontrar conforto ao lerem essas mensagens, e tê-las disponíveis online facilita olhar para elas quando se sentirem tristes.

D) Realização de rituais fúnebres alternativos, como cultos e missas virtuais ao vivo, homenagens virtuais, musicais, fotografias, entre outras, que auxiliem no processo de despedida, em especial no caso de mortes súbitas. Além disso, pode-se pensar na possibilidade de homenagens coletivas a todos aqueles sepultados ou cremados no mesmo local após o término da pandemia;

E) Potencializar as redes religiosas e/ou espirituais do falecido e dos enlutados. Proporcionar contato virtual, enquanto não é possível presencial, com líderes religiosos importantes para a família e que sejam significativos para esse momento;

F) Monitoramento psicossocial deve ser realizado com o apoio da rede socioafetiva aos sujeitos em processo de luto. Caso alguém perceba que um familiar ou amigo esteja encontrando dificuldade em lidar com a situação, a orientação é buscar ajuda junto a outros, sejam profissionais de atenção psicossocial, sejam líderes comunitários, religiosos, ou mesmo dentro da própria rede.

É fundamental encontrar espaços onde seja possível se expressar livremente, compartilhar a dor e se deparar com outras pessoas que experimentam sentimentos e dificuldades semelhantes, ameniza o sofrimento e favorece a busca pelas soluções dos problemas enfrentados¹⁸.

Nesse sentido, estudos corroboram com estratégias emergenciais de cuidados em saúde mental na pandemia, os quais destacam a necessidade de atenção aos sujeitos mais vulneráveis ao risco de adoecimento físico e mental. Deve-se fortalecer o apoio psicológico, com avaliação precoce de risco para o suicídio. Ademais, intervenções por meio da tecnologia são essenciais para reduzir o estresse, tensão e angústia, em que se pode utilizar da divulgação de informações baseadas na ciência, orientações quanto aos pontos de cuidado da rede de atenção psicossocial e recomendações de estratégias para a promoção da saúde mental e adaptação às mudanças exigidas pela pandemia e perdas causadas por esta²³⁻²⁴.

Limitações do estudo

A principal limitação deste estudo é a insuficiência de estudos referentes ao luto no contexto da pandemia da COVID-19, devido ser algo novo que carece de pesquisas relacionadas a essa temática, para compreender o impacto dessa realidade no processo de luto das famílias acometidas.

Contribuições para a prática

Este estudo possibilitou a reflexão quanto à importância do falar sobre o luto e a terminalidade em um contexto desafiante para a Saúde Pública, a pandemia do COVID-19, que torna o processo de luto mais intenso e duradouro por inúmeras situações, que podem potencializar os riscos de sofrimentos psíquicos. E ainda, é essencial estudos pós-pandemia para avaliar essa vivência nas famílias afetadas, uma vez que o luto é uma experiência pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A COVID-19 estabeleceu uma grave crise sanitária, política, econômica, social, geográfica e humanitária. Na perspectiva sanitária, sob o ponto de vista epidemiológico, causou vulnerabilidade, adoecimento e morte de milhares de sujeitos e de famílias, deixando profundas marcas por conta dos processos de terminalidade, morte e luto no contexto da pandemia.

Mortes de modo súbito, vidas foram ceifadas, clusters de óbitos foram produzidos, com a morte de mais de um membro da mesma família, o que motivou o desencadeamento de medo, pânico, tristeza e desolação, além de adoecimento mental, daqueles que necessitaram ficar confinados e/ou sozinhos e ainda terem que vivenciar a eminência de perda ou morte de um ente querido.

A perda de um ente é muito mais que um dado estatístico, era um ser em sua indissociabilidade, que representava simbólica e subjetivamente as relações, os afetos, as paixões, os amores, a historicidade e a identidade genealógica de uma família e uma comunidade. Contudo, destaca-se a importância do estabelecimento de estratégias de cuidado para as famílias enlutadas, conforme a necessidade singular de cada um, sobretudo quanto às demandas psicológicas, utilizando diferentes recursos na tentativa de fortalecer os laços amorosos e familiares, bem como, a rede de cuidado a fim de minimizar as consequências oriundas dessa problemática.

Contribuição dos Autores: EN Oliveira, FRG Ximenes Neto, RMM Moreira, GF Lima, FD Santos; MA Freire, LS Viana, MP, Campos, participou da concepção e delineamento do estudo, redação e revisão do conteúdo intelectual até a versão final do manuscrito.

REFERÊNCIAS

Menezes R, Luxardo N. Apresentação do Dossiê 9: Doença e Morte. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer [Internet]. 2020 Jul 13 [cited 2020 July 17]; 5(9):5-8. Available from: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/10217>.

Ministério da Saúde (BR). Covid-19 no Brasil. [Internet]. 2020 Jun [cited 2020 Jun 30]; 5(9): 5-8. Available from: <http://susanalitico.saude.gov.br/#/dashboard/>.

Crepaldi MA, Schmidt B, Noal DS, Bolze SDA, Gabarra LM. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estud. psicol. (Campinas) [Internet]. 2020 [cited 2020 July 17]; 37:e200090. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&lng=en&nrm=iso. <https://doi.org/10.1590/19820275202037e200090>.

Frizzo HCF, Bousso RS, Ichikawa CRF, Sá NN. Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho. Acta paul. enferm. [Internet]. 2017 Apr [cited 2020 July 17]; 30(2):116-21. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002017000200116&lng=en. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201700019>.

[org/10.1590/1982-0194201700019](https://doi.org/10.1590/1982-0194201700019).

Zamora-Echegollen M, Brito R. La muerte en la institución hospitalaria. Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer [Internet]. 2020 Jul 13; [cited 2020 July 17]; 5(9):9-24. Available from: <http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/9613>.

Souza CP, Souza AM. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. Psic.: Teor. e Pesq. [Internet]. 2019 [cited 2020 July 17]; 35:e35412. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722019000100509&lng=en&nrm=iso. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>.

Menezes R, Gomes E. "Seu funeral, sua escolha": rituais fúnebres na contemporaneidade. Rev. antropol. [Internet]. 2012 [cited 2020 July 17]; 54(1):89-131. Available from: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>.

Paulo TS. Rituais de luto e suas complicações [dissertação]. Benguela: Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte; 2012 [cited 2020 July 17]. Available from: <https://repositorio.cespu.pt/bitstream/handle/20.500.11816/244/TESE%20TERESA%20PAULO%20-%20JOS%C3%89%20ROCHA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Gazeta do Povo. Da Redação: Do silêncio à festa, como diferentes culturas vivenciam o luto [Internet]. Nov 2016 [cited 2020 July 17]. Available from: <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/comportamento/do-silencio-a-festa-veja-como-diferentes-culturas-celebram-o-luto/>.

Ingravallo F. Death in the era of the COVID-19 pandemic. *The Lancet - Public Health* [Internet]. 1 May 2020 [cited 2020 July 17]; 5(5):e528. Available from: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS2468-2667\(20\)30079-7/fulltext?dgcid=hubs-pot_email_newsletter_tlcoronavirus20&utm_campaign=tlcoronavirus20&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=85878854&hsrc=p2ANqtz-_leg7GLX6SWt8n-bXMcRsY2G7phk78kr-68b09LxN8nKcw8AFsdqqdJH-o7t9rPA2xxAVL_97YOczlCxmknhOughj6xEA&hsmi=85878854#%20](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS2468-2667(20)30079-7/fulltext?dgcid=hubs-pot_email_newsletter_tlcoronavirus20&utm_campaign=tlcoronavirus20&utm_source=hs_email&utm_medium=email&utm_content=85878854&hsrc=p2ANqtz-_leg7GLX6SWt8n-bXMcRsY2G7phk78kr-68b09LxN8nKcw8AFsdqqdJH-o7t9rPA2xxAVL_97YOczlCxmknhOughj6xEA&hsmi=85878854#%20).

Freitas JL. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicol. USP* [Internet]. 2018 [cited 2020 July 17]; 29(1):50-57. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000100050&lng=en&nrm=iso. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>.

Ministério da Saúde (BR). Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19 [Internet]. 1 ed. v. 1. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [cited 2020 July 17]; Available from: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/marco/25/manejo-corpos-coronavirus-ver-sao1-25mar20-rev5.pdf>.

Miyazaki MCOS, Teodoro M. Enfrentamento COVID-19 - Tópico 6 - Luto. [Internet] 2020 [cited 2020 July 17]. Available from: <https://www.sbponline.org.br/enfrentamento-covid19>.

Pavani N. Luto em tempos de pandemia: o que muda ao dizer adeus. *Veja Saúde*. [Internet] 2020 Jun 17 [cited 2020 July 17]. Available from: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/luto-em-tempos-de-pandemia-o-que-muda-ao-dizer-adeus/>.

Santos RCS, Yamamoto YM, Custódio LMG. Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório. *Psicologia* [Internet] 2018 Jan 1 [cited 2020 July 17]; 1-18. Available from: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?aspectos-teoricos-sobre-o-processo-de-luto-e-a-vivencia--do-luto-antecipatorio&codigo=1161A#:~:text=Aspectos%20te%C3%B3ricos%20sobre%20o%20processo%20de%20luto%20e%20a%20viv%C3%Aancia%20do%20luto%20antecipat%C3%B3rio,-Renato%20Caio%20Silva&text=Para%20isso%20ser%C3%A3o%20considerados%20um,at%C3%A9%20a%20

fase%20de%20resolu%C3%A7%C3%A3o.

Worden JW. *Aconselhamento do luto e terapia do luto*. 4ª Ed. Porto Alegre: Rica; 2013.

Santos NA, Rudge AM. Dor na psicanálise: Física ou psíquica? *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* [Internet]. 2014 [cited 2020 July 10]; 17(3): 431-49. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142014000300450&lng=en&nrm=iso. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2014v17n3p450-5>.

Aciole GG, Bergamo DC. Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. *Saúde debate* [Internet]. 2019 Sept [cited 2020 July 13]; 43(122): 805-18. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019000300805&lng=en&nrm=iso. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-1104201912212>.

Carvalho MMM. A dor do adoecer e do morrer. *Bol. Acad. Paul. Psicol* [Internet]. Dec 2009 [cited 2020 July 13]; 29(2): 322-8. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2009000200009&lng=pt&nrm=iso.

Wallace CL, Wladkowski SP, Gibson A, White P. Grief During the COVID-19 Pandemic: Considerations for Palliative Care Providers. *Journal of Pain and Symptom Management*. [Internet] July 2018 [cited 2020 July 17]; 60(1):e70-e76. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.jpainsymman.2020.04.012>.

Pascoal M. Trabalho em grupo com enlutados. *Psicologia em Estudo*. Dec 2012; 17(4): 725-29.

Ministério da Saúde (BR), Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). *Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 - Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz): Ciência e tecnologia em saúde para a população brasileira*. Rio de Janeiro (RJ): Ministério da Saúde; 2020 [cited 2020 July 4]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>.

Faro A, Bahiano MA, Nakano TC, Reis C, Silva BFP, Vitti LS. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estud. psicol.* [Internet]. 2020 [cited 2020 July 17]; 37: 1-14. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=en&nrm=iso. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.

Oliveira EN. Mental health during the new coronavirus pandemic: some necessary reflections. *Research, Society and Development* [Internet]. 2020 [cited 2020 July 17]; 9 (8): 1-18. Available from: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/5478/4989>. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5478>.